



EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA EM FORMAÇÃO EM JUIZ DE FORA – MINAS GERAIS

Leandra da Costa Oliveira¹

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este trabalho pretende explicitar as vivências de uma professora alfabetizadora em formação em sua trajetória acadêmica e nas práticas realizadas e observadas nos estágios, de modo a compartilhar e problematizar como a alfabetização, o letramento e a literatura infantil se fizeram presentes nesses momentos.

Palavras-chaves: alfabetização; letramento; literatura; experiência; formação.

Introdução

O presente artigo pretende compartilhar e problematizar minhas experiências enquanto professora alfabetizadora em formação, advindos dos estágios obrigatórios e não obrigatórios realizados durante o período da graduação em Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2022. O texto se assume como relato de experiência não apenas compartilhando vivências, mas contestando as mesmas, dialogando com alguns referenciais teóricos.

Para isso, desejo preliminarmente apresentar as inspirações e motivações que me trouxeram até esse momento de hoje, onde me encontro professora alfabetizadora em formação.

Sou natural da cidade de Areal, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro. Nos anos do meu Ensino Médio, de 2017 a 2019, cursei o Magistério ou como é popularmente conhecido, o Curso Normal, no Instituto de Educação Professor Joel Monnerat em Três Rios, pois desde o Ensino Fundamental tinha o desejo de ser professora. Durante essa fase, conheci algumas referências sobre a área da Alfabetização, através da disciplina de Alfabetização e Letramento, onde tive o primeiro contato com Emilia Ferreiro e Magda Soares

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: leandraoliveira50@gmail.com

e a teoria ensinada por elas.

A partir de então, meu interesse cresceu e me dediquei especialmente a essa disciplina naquele momento. Realizamos uma atividade bimestralmente de escolher uma única criança para fazermos o ditado conceitual e acompanhar, durante todo o ano, seu processo de alfabetização. Lemos o livro Reflexões sobre Alfabetização (FERREIRO, 2018), e estudamos como evoluíam as hipóteses de escrita, no decorrer do percurso de alfabetização da criança. Com isso, estudamos os princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e como aplicar o ditado conceitual.

Com o tempo, fomos vendo os avanços das crianças que encontrávamos a cada bimestre e analisávamos em qual nível elas estavam, o que já sabiam e o que precisavam aprender, desde já reconhecendo que a criança sempre sabe algo, e que o desenvolvimento é processual como Soares (2020, p.56) afirma quando diz que “[...] as crianças evoluem em níveis sucessivos, em uma progressiva compreensão da escrita como sistema de representação”.

No ano que ingressei na UFJF, a pandemia do COVID-19 nos levou a uma paralisação mundial, que apesar de pensarmos que duraria uma quinzena, perdurou praticamente 2 anos. Dessa forma, a Universidade também parou e retornamos às aulas em setembro de 2021 de forma remota.

Foi apenas no 3º período do curso, ainda remotamente, que reencontrei a Alfabetização na disciplina de Fundamentos Teórico-Metodológicos em Alfabetização, tendo como docente, a Professora Doutora Luciane Manera Magalhães. Ao me deparar novamente com a área, fui me encontrando a cada aula e, mesmo a distância, o aprendizado foi imenso e mobilizou várias práticas equivocadas que possuía.

Juntamente a esse fato, dava aulas particulares para seis crianças da minha cidade que não estavam alfabetizadas, a idade delas variava de 5 a 7 anos. Ter a troca nas aulas de Alfabetização de forma paralela a prática das mediações particulares, me ajudou a mobilizar saberes que nunca pensei que pudessem ser daquela forma, visto que, com minhas crianças, eu apenas reproduzia da forma que aprendi, com a única diferença de fazer as sondagens diagnósticas inicialmente.

Aprofundei muito meus estudos na alfabetização pela disciplina e desde então não mais saí da área. Contatei a professora Luciane para saber como eu poderia participar do grupo de estudos o qual ela coordena denominado “Alfabetize”, que na época estava lotado, mas fui posta na lista de espera.

No semestre seguinte, consegui um estágio obrigatório em uma escola privada em Juiz de Fora no 2º período, onde a professora regente fazia também um trabalho de alfabetização. E, simultaneamente, fiz a disciplina de Estágio obrigatório em Alfabetização,

que mesmo de forma remota, foi muito bem conduzido pelas docentes e por meio de rodas de conversas com professoras alfabetizadoras, muito aprendizado foi criado.

No início de 2022, quando iniciava o 5º período da graduação, consegui entrar efetivamente no grupo de estudos e desde então sou participante do mesmo. Nele, participam não apenas graduandas, mas também professoras da rede pública municipal, ex-alunas e professoras doutoras e mestras. O grupo se reúne quinzenalmente de forma presencial para estudarmos e debatermos obras de referência sobre alfabetização, e que ajudam, principalmente, na prática docente.

Estar no grupo fez com que meu estudo se mantivesse ativo, e em setembro do ano de 2022, me tornei bolsista do projeto de extensão coordenado pela Prof. Dra. Luciane Manera intitulado “Oficina de Alfabetização”, onde trabalhamos na montagem de materiais e na prática com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental e adolescentes do 6º ano que ainda não estão alfabetizados. No percurso formativo da universidade, encontrei outra área que muito se articula com a alfabetização que é a literatura, pelas aulas da Professora Doutora Suzana Vargas Lima do Prado, especialmente com a literatura infantil, onde me encantei também e hoje debruço minha pesquisa acadêmica, inclusive em meu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o Letramento Literário na Alfabetização.

No mesmo período que entrei como bolsista do projeto, me matriculei na disciplina de Estágio obrigatório em Anos Iniciais, a qual o Professor Doutor Juliano Guerra Rocha era o docente responsável. Nesse momento, eu estava estagiária em uma outra escola privada de pequeno porte na Zona Oeste de Juiz de Fora, no bairro São Pedro, onde também se localiza a Universidade Federal, e minha função era auxiliar uma aluna que possuía laudo de Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade.

Por já estar numa escola, conversei com o professor e ele permitiu que eu realizasse o estágio nela. Através desse estágio, principalmente, mas unindo-o a outras experiências, decidi construir esse relato de experiência de uma professora alfabetizadora em formação, compartilhando e problematizando as práticas pedagógicas que observei, especialmente no que tange o aspecto da alfabetização e letramento literário dos alunos, visto ser esse meu foco de estudo na graduação e nas atividades realizadas no estágio supracitado, criando um planejamento para a regência ancorado nesses tópicos.

2 Entrada na escola

Cheguei na escola no mês de agosto, após o período de férias. A sala de aula da turma do 4º ano da tarde, onde fiquei, era a menor da escola, podendo suportar até, no máximo, quatorze alunos e a professora. Era um local apertado, onde esbarrávamos em outras

cadeiras para nos movimentar. Durante os dias quentes era bem abafada e passamos os seis meses que fiquei lá sem o ventilador que estava sendo utilizado em outra sala. Com isso, precisávamos manter a porta e janelas totalmente abertas o que permitia maior entrada de ruídos externos à sala, atrapalhando na concentração dos alunos e da própria docente. A turma que fiquei tinha doze alunos em agosto e terminou com onze. Dessa forma, estávamos no limite de ocupação daquele espaço.

A escola possuía secretaria na entrada, as salas das turmas de Educação Infantil ficavam no térreo e as de Ensino Fundamental no 2º andar. Tinha a estrutura de uma casa, que foi adaptada para ser uma instituição de ensino. Havia escadas e um elevador para cadeirantes tornando possível a acessibilidade para o 2º andar do local. Eram ao todo quatro salas de Educação Infantil que vão do Maternal II ao Pré III. No que tange o Ensino Fundamental, haviam cinco salas, atendendo do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. No 1º andar, um banheiro para os professores e funcionários, a secretaria, a sala da coordenação/gestão e o pátio para as crianças brincarem, juntamente com os respectivos banheiros. Também contava com a presença de bebedouro e pias grandes para a higiene. No parque tinham quatro brinquedos fixos: o gira-gira, um balanço para três crianças usarem ao mesmo tempo, uma casinha de plástico e uma casinha de madeira com escorregador. No 2º andar, dois banheiros para os alunos, uma cozinha, uma lavanderia que se dividia com o local onde guardavam-se livros e jogos que não eram utilizados com frequência, uma estante com livros mais usados representando a biblioteca, perpassando o corredor, e um local na parte externa da sala do 3º ano onde ficavam três armários, um para armazenar materiais de limpeza e outros dois para guardar materiais escolares.

O horário de entrada das crianças do turno da manhã ia de 7 horas às 11h30 e no turno da tarde de 13 horas às 17h30. A escola não possuía espaço de refeitório, já que não oferecia lanche as crianças. Então, eles levavam o próprio lanche e o horário de 14h40 às 15 horas ficava reservado para isso. O recreio acontecia de 16h30 às 16h45, oficialmente. Entretanto, muitas vezes, esse horário foi reduzido, expandido ou até mesmo não oferecido por escolha da professora devido ao comportamento dos alunos ou a “falta de tempo” para realizar as atividades didáticas. Vejo, nessa questão, um grande prejuízo à natureza das crianças que precisam brincar para se desenvolver em variados aspectos, já que

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. (VYGOSTKY, 1987, p.35)

Assim sendo, “deixar sem recreio” como castigo por um mau comportamento não faz com que a criança entenda que errou em algo e precisa melhorar, mas sim crie ainda mais bloqueios com o processo educativo, com a professora e, conseqüentemente, com o ambiente escolar em geral.

Num diálogo sobre as aulas, geralmente eram expositivas, usando o livro didático e o caderno para sistematização de certos conteúdos. Cada aula tinha a duração de 50 minutos, os deveres de casa costumavam ser diários ou alternavam entre um dia sim e outro não. Os trabalhos, marcados pela entrega de cronogramas e com um bom prazo para a sua realização, assim como a matéria das provas para estudo. Na grade de horários dos alunos, continham cinco aulas por dia, mescladas entre Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Artes, Música, Educação Física e Ensino Religioso. Um dia na semana, na aula de Português, realizava-se um trabalho com um livro paradidático (infantojuvenil), o qual ao final do bimestre os alunos realizavam uma prova sobre.

No geral, fui muito bem recebida na escola e pude observar muitas práticas que fortaleceram meu aprendizado e outras que aprendi para não reproduzir. Especialmente no que diz respeito a alfabetização, havia crianças no 4º ano com o processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética ainda incipiente ao nível que se espera. Entretanto, não havia um trabalho específico com isso, mas se exploravam questões de melhoria na fluência de leitura e interpretação de textos. Algo que talvez possa justificar essa lacuna, seja o período de dois anos de pandemia que as crianças estiveram em casa, com atividades remotas, entretanto sem as mediações do professor, que tanto ajudam no processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

3 Práticas pedagógicas

Inicialmente, via nas práticas da professora algo bem inovador que permitia a expressividade e a construção da criticidade das crianças, sempre havendo interação entre elas que, como sabemos, é de importância ímpar na formação dos alunos. Todavia, com o passar do tempo, percebi alguns comentários, respostas e expressões da professora que chegavam a me assustar, pois via nela um autoritarismo que ao invés de aproximar as crianças, permitir que se abrissem e usasse disso a favor do aprendizado delas, acabava afastando-as e fortalecendo uma relação de medo, quando por exemplo perguntavam algo a docente que ela não sabia como responder.

Isso me remete muito a educação bancária repudiada por Paulo Freire (1974), quando

em sua conhecida obra intitulada Pedagogia do Oprimido, conceitua a Educação Bancária como imposição do conhecimento realizada pelo

professor sobre o aluno na medida em que o professor já os havia adquirido e dispõe destes sendo assim possível sua ação de depósito deste conhecimento nos alunos. (FREIRE, 1974, apud LINS, 2011, p. 2)

Tais práticas, mesmo após décadas, ainda permeiam e são o centro das ações das escolas e das metodologias escolhidas pelos professores para manter o controle em suas mãos. Vamos pensar então, como uma criança ficará sentada, calada e concentrada de 13 horas às 17h30, se nem nós adultos conseguimos agir assim? Precisamos mudar o campo de visão e nos colocar no lugar de nossos alunos.

Tive alguns empecilhos na prática do estágio, pois a professora se sentia incomodada, como se perdesse a autoridade quando eu queria ajudá-la ou às crianças, a ponto de dizer “Eu sou a professora e eu que ajudo vocês”. Esses comentários me deixavam chateada e confusa ao mesmo tempo, pois nunca sabia se fazendo pouco na sala, ela pensaria que eu era incapaz ou algo do tipo e se tentando ajudar, estaria tomando a autoridade dela em sala de aula. Muitas vezes, precisei ajudar as crianças quando ela se retirava de sala rapidamente, pois havia dúvidas que os alunos tinham medo de perguntar a ela, pela relação que foi se criando.

No tocante a relação das crianças com a leitura, elas competiam para ver quem ajudaria na leitura dos textos do livro didático, mas quando liam, não entendiam o que estavam lendo em sua completude. A maior parte das aulas eram com o uso do livro didático, o que os deixavam extremamente cansados. Não havia leitura deleite, a não ser o livro que citei acima que direcionava a avaliação no final do bimestre. O contato que eles tinham com a literatura, era quando terminavam as atividades e para esperar pegavam “um livrinho”, como falavam, para “passar o tempo”. As aulas de Língua Portuguesa que mencionei sobre a leitura de livros paradidáticos, aconteciam uma vez por semana, caso não fosse acontecer nenhum evento próximo que precisasse utilizar aquele horário. Dessa forma, os alunos eram orientados a ler em casa para conversar sobre a obra na semana seguinte, como tarefa.

É importante dar enfoque à demanda dos alunos com deficiências especiais, e como já disse acima, na sala havia três meninas com TDAH. A menina que auxiliei evoluiu bastante desde quando entrei, mas as outras não participavam quase nunca. Ao invés disso, eram excluídas e, uma delas, vista como uma criança difícil e desafiadora.

Nas conversas pela escola, sejam no pátio, na hora do recreio, pelos corredores, na cozinha, em outras salas e até mesmo junto a coordenação, essas crianças eram vistas como um problema ou como as que causavam os maiores problemas.

A falta de sensibilidade para com esses alunos, faz com que a inclusão se dificulte ainda mais. Pelo contrário, acredito que a escuta sensível dos mesmos, suas expressões,

dificuldades e, principalmente, erros, nos ajudam a ver e prever em que podemos ajudar e como podemos fazer para que eles avancem no desenvolvimento integral.

4 Intervenções com a literatura

Como supracitado, meu encontro com a literatura se deu a partir do 5º período de Pedagogia. Pude conhecer mais sobre a teoria e os aspectos de projeto gráfico, materialidade, tipografia e gêneros dos livros na disciplina eletiva de Narrativas Infantis. Preciso deixar claro que após essa disciplina, minha vida e estudos nunca mais foram os mesmos.

Desde criança eu sempre gostei de ler, por incentivo da minha família e por possuir um pai e irmã leitores, contudo havia me afastado desde a adolescência da prática de ler cotidianamente e voltei na Universidade. Mesmo sendo leitora assídua, era leiga nas características que definem uma boa obra literária, em como selecioná-la, quais referenciais buscar, quais programas confiar, em quais acervos consultar, entre outros elementos.

Quando me deparei com a necessidade de realizar uma regência na sala de aula que estava estagiando, logo pensei em trabalhar a literatura, por meio de jogos que atraíssem às crianças, visto que a maior parte do tempo elas já faziam atividades impressas e no livro didático.

Pensando em mudar a rotina das crianças por pelo menos um dia para que elas pudessem aprender brincando, escolhi desenvolver meu planejamento através do livro “O carteiro chegou” do autor Allan Ahlberg com ilustrações de Janet Ahlberg, da editora Companhia das Letrinhas. A obra é rica em materialidade e projeto gráfico, trazendo em suas páginas encartes e janelas com envelopes e cartas reais que encantam não só às crianças, mas também aos adultos. Pensando em focar no letramento literário das crianças, preparei uma boa mediação literária, criando indagações a respeito do livro e promovendo uma conversa literária onde explorávamos aspectos da obra antes, durante e depois da leitura, podendo confirmar ou não nossas hipóteses. Como nos diz Cosson (2021),

[...] esses três modos de compreender a leitura devem ser pensados como um processo linear. A primeira etapa, que vamos chamar de antecipação, consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito. [...] A segunda etapa é a decifração. [...] Denominamos a terceira etapa de interpretação. [...] O centro desse processamento são as inferências que levam o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento que tem do mundo (COSSON, 2021, p. 40).

Assim sendo, a leitura começa antes mesmo de se abrir o livro. É necessário ambientar as crianças e prepará-las para o que virá nas páginas que iremos ler. Esse movimento é de suma importância para construir uma nova visão nas crianças sobre a leitura e ajudá-las no

entendimento do mesmo, é abrir os olhos e ensiná-las a ler nas entrelinhas e pelas ilustrações aquilo que o texto escrito não diz.

Após esse momento de leitura, organizei o momento do jogo de tabuleiro temático com as personagens e elementos da obra literária. Eles foram divididos em grupos e uma latinha com perguntas passava por eles. Os assuntos tratados nas questões indagavam sobre os gêneros textuais contidos no livro, elementos na capa e quarta capa, conhecimentos prévios que são necessários a compreensão, interpretação de texto, entre outros.

5 Considerações Finais

Diante disso, as vivências de estágio e estudos que realizei até aqui me ajudaram a conhecer um pouco do desafio que é ensinar com significatividade. Refletindo, sobretudo, sobre o processo de alfabetização e letramento literário das crianças, pude perceber quanto isso é relevante na formação cidadã desses alunos e como transforma suas vidas.

O meu desejo com esse trabalho foi apresentar um relato sobre minha curta, contudo profunda trajetória na área de alfabetização, letramento e literatura infantil, explicitando práticas e reflexões sobre as vivências de uma professora alfabetizadora em formação, por meio também da perspectiva da formação de leitores literários.

Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.
FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.
MARIA, J.; SUCUPIRA; LINS, C. **Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Lins-Educacao_bancaria.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2023.
SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.